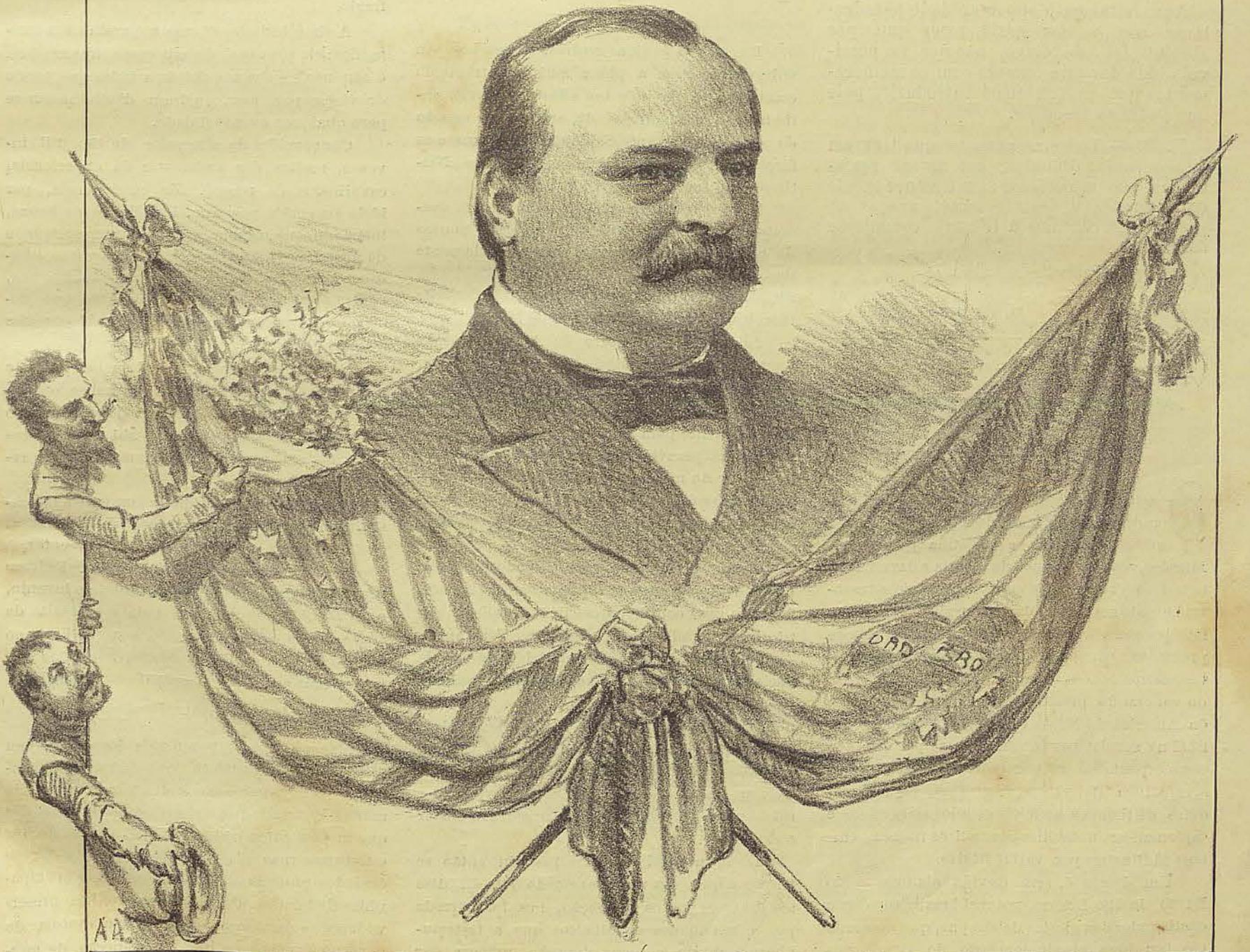


DINOQUIXOTE

Jornal illustrado de Angelo Agostini



Rua do Ouvidor 109 (sobrado)



GROVER CLEVELAND

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20\$000	Anno.	24\$000
Semestre	12\$000	Semestre	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a oportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possível ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 9 de Fevereiro de 1895

VIDA NOVA

Acto de justiça que o Snr. Cleveland acaba de praticar decidindo a favor do Brazil a muito conhecida e debatida questão de Missões, veio encher-nos de alegria e dar uma nota festiva a esta cidade cuja vida laboriosa resentia-se ultimamente da atmospheria pezada e fatidica, creada pela repercussão de noticias de pretensas conspirações e quejandas maluquices, meros boatos, talvez... A decisão arbitral do venerando presidente dos Estados Unidos da America do Norte veio pôr o desejado ponto final na secular pendencia, que, se por um lado era o espantinho da paz entre o nosso paiz e a sympathica Republica Argentina, servio, por outro, de thema a notaveis estudos scientificos e diplomaticos, notabilizando muitos nomes, embora já illustres por varios titulos.

Um destes é, sem duvida alguma, o do Barão do Rio Branco, notavel brasileiro, digno continuador das glorias de seu pae, que, nomeado em boa hora plenipotenciario do Brazil nos Estados Unidos, dedicou todo o seu vasto saber e patriotismo á defeza da grande causa, cabendo-lhe a suprema felicidade de vel-a triumphante.

Removido está, portanto, o famoso obstaculo que de quando em quando surgia para desnortear as previsões de paz e de boa convivencia que precisamos manter com as noveis Republicas do Sul; e aqui registramos os nossos mais sinceros applausos a quantos concorreram para este bello resultado.

Que isto nos sirva de incentivo para entrarmos resolutamente no caminho da pacificação do glorioso Estado do Rio Grande do Sul, é o que anciosos desejamos, porque já é de mais o sangue ali derramado, e basta de politica pessoal sustentada pelas armas da União, e de desperdicio da fortuna publica.

Precisamos de paz, precisamos de larga politica republicana e, sobretudo, de muita economia.

Basta!

Vida nova...

Combate da Armação

Em nossas paginas centraes damos hoje em animado desenho a phase mais importante do combate que, faz hoje um anno, se travou entre as forças revoltosas da armada ao mando do ex-contralmirante Saldanha da Gama e as forças legaes que defendiam a cidade de Nictheroy e o seu extenso littoral.

Tendo, cerca das 3 horas da manhã, desembarcado na Ponta d'Areia e outros pontos do mesmo lado, em numero approximadamente de 500 homens, e pelo proprio chefe Saldanha dirigidos, tentaram os revoltosos invadir Nictheroy no dia 9 de Fevereiro de 1894.

Já de posse do morro da Armação e seus pontos fortificados, cujas guarnições foram por elles desalojadas e em parte aprisionadas; quando, já dia claro, os revoltosos avançavam arrojadamente para o centro da cidade, encontraram insuperavel resistencia nas numerosas forças que ao mando do general Argollo e dirigidas pelo coronel Fonseca Ramos e major Vicente Martins, os accommetteram por diversas ruas, atacando-os com denodo.

Assim accommettidos, e, pode-se dizer, atropellados por uma poderosa resistencia formada dos contingentes dos batalhões patrioticos Tiradentes, Benjamim Constant e Academico, de corpos de policia, de guarda nacional e de cavallaria, em numero superior a 4.000 homens, os revoltosos foram obrigados a uma retirada precipitada e difficil, seguindo a maior parte d'elles pela rua de Santa Clara até á rua da Praia, onde, para ganharem o mar, tiveram de affrontar as forças de cavallaria e infantaria legaes, que ali lhes procurava obstar o embarque.

Do formidavel combate que ali então se travou e que, em nossa excursão feita ha dias aos diversos pontos da acção, nos foi narrada por conceituados cavalheiros que a testemunharam, é que o nosso desenho procura dar uma idéa approximada.

Rememorando com esta pagina um facto historico em que a intrepidez e a bravura de uns e de outros se ostentou com a maior pujança,

lastimamos que tanta coragem e tanto denodo fossem despendidos em uma lucta fraticida de brasileiros contra brasileiros, germinando odios e malquerenças que anhelamos não fructifiquem, mas se extinguam, estabelecendo-se entre todos a concordia e perfeita harmonia tão necessaria á estabilidade da paz e á consolidação da Republica.

Salva-Vidas

Teve o Snr. Alberto Ribeiro Pedroso a amabilidade de enviar-nos convite para assistir á experiencia que do aparelho portatil salva-vidas, de sua invenção, ia fazer a bordo de uma das barcas da Companhia Cantareira, em meio da bahia, no dia 3 do corrente.

Em vista do que presenciámos, parece-nos que do referido aparelho um grande beneficio resulta para a Humanidade, contribuindo elle para salvar da morte por submersão a todos quantos d'elle se utilizarem em caso de naufragio.

A simplicidade d'esse aparelho e a insignificancia provavel do seu custo, tornam facil o seu uso e a sua acquisição a todos que, tendo de viajar por mar, queiram d'elle monir-se para qualquer eventualidade.

Convencidos do alto valor de tão util invento, muitos dos assistentes da experiencia, cavalheiros de reconhecida competencia, por ideia suggerida pelo Snr. Dr. Ennes de Souza, instalaram na mesma occasião uma sociedade de propaganda em favor do salva-vidas «Pedroso», da qual foi aclamado presidente o Snr. contra-almirante Marques Guimaraes, que declarou *ver n'esse aparelho a salvaguarda dos homens do mar*.

Depois de haverem deixado a barca donde a experiencia fôra feita, dirigiram-se o Snr. Pedroso e muitos dos seus convidados para o Arsenal de Marinha, sendo ahi feitas novas experiencias sempre com o mesmo feliz resultado.

A estas, como á primeira experiercia, assistiram diversos representantes da Imprensa, que, em nome d'ella, felicitaram o inventor.

Como bem o merecia, foi o Snr. Pedroso muito applaudido pelo seu valiosissimo invento, e o *D. Quixote*, que pôz toda a energia da sua vontade e toda a luz do seu intellecto ao serviço do bem da Humanidade, não pôde deixar de unir a sua voz ao coro d'esses applausos.

++

Mas, se para poupar a vida dos que viajam sobre agua, se instalam sociedades propagandistas de aparelhos salvadores, não seria menos humano que, para salvar a vida dos que viajam sobre trilhos de ferro pelas estreitas e tortuosas ruas d'esta cidade, se instalem sociedades protectoras que induzam as companhias de bondes a usarem aparelhos preservadores e esmagamentos, já que a desidia do governo as deixa na ingloria função de augmentar desastrosamente o obituario.

Não têm os homens de terra menor direito que os homens do mar á conservação da sua existencia.

E se um general de mar, compenetrado do interesse que lhe deve merecer a vida dos seus semelhantes, se colloca á frente de uma corporação generosa para socorrer naufragos, que um general de terra, seguindo-lhe o nobre exemplo, institua uma corporação identica para ir em auxilio dos atropellados.

Só assim, commandada por um general, poderá a humanidade conseguir a victoria d'esta velha campanha.

D. QUIXOTE.

CHINOISERIES

Passa Fóra!

Ao ver grupos de noctivagos
Nas ruas, depois das nove,
E a policia que se move
Na cidade de galopar.
Cavallos correndo céleres,
Povo a fugir, tiroteio,.....
Buscando, de pavor cheio,
Um sitio onde me abrigar,

Ante o furor que apavora
Eu esclamo: Passa fóra!

Foram, para bem do publico
Os book-makers fechados,
E os cidadãos libertados
Da especulação atroz;
Porém no jardim zoologico
Continúa todo o dia
Da medonha bicharia
A jogatina feroz;

Meu penar, que isso deplora,
Scisma triste: Passa fora!

Ao ver em esgares comicos
Fecundo o nosso theatro,
Pinotes, o diabo a quatro
D'arte empanando o fulgor,
A's operettas e magicas,
A's revistas, ao bailado
Vou fugindo, incommodado,
Cheio de tedio e de horror;
E ao «templo» onde a farça mora
Vou dizendo: Passa fóra!

Contemplando, ao sol esplendido,
Grupos de jovens formosas
Com vestes ricas, vistosas,
Pela rua do Ouvidor,
Eu, que me sinto mais lépido,
Sem querer, as vou seguindo;
Mas logo as vejo sorrindo
A um outro olhar seductor.

O sujeito olha, namora,
E eu «azulo!» Passa fóra!

E vou seguindo; eis que chamam-me:
« Vens a proposito: almejo
Ler-te um trabalho e desejo
Ouvir tua opinião ».

« Não posso agora, desculpa-me. »
E dos auctores fugindo,
Aos cacetes me eximindo,
Penetro na redacção.

Vou ver si trabalho agora;
Que cacetes! Passa fóra!

Subo, aos collegas benevolos
Ouço a prosa leve, amena,
Sento-me emfim, tomo a penna,
Corto as tiras de papel....
Oh desgraça, o suor pinga-me
Em gotta; por sobre a meza....
Estou n'uma forja acceza....
Temperatura cruel!

Limpo a fronte que dissora,
Largo a penna! Passa fóra.

LU—NO

NOTAS DA SEMANA

Felizmente creio que estão mais limpos os horizontes politicos.—Os boatos que assustavam parece que batem as azas e fogem como grandes aves negras. Para longe!

Apezar d'isso, o cambio, o nosso pobre cambio desce visivelmente comprimido por mãos interessadas. Paciencia; elle ha de subir, quer queiram, quer não, os que procuram comprometter e desmoralisar a forma republicana. As leis que regem os factos, os phenomenos de ordem social são mais fortes que a vontade de meia dúzia de homens. Esperemos mais algum tempo, e, livre d'esses embaraços de momento, a Republica seguirá triumphante na senda do progresso.

Dois acontecimentos tristes enlutaram o nosso espirito nesta semana.

O primeiro foi o fallecimento de Joaquim Dias da Rocha, o illustre traductor da Parisina de Byron, o primoroso poeta que todos conhecem, o bom e affectuoso rapaz, que desde 1881 eu prezava como amigo e collega que havia sido da Faculdade de Direito de São Paulo. Aos que apenas conhecerao Dias da Rocha atravez do magistrado ou do traductor, offereço o seguinte primor litterario, escripto nos nossos bons tempos de S. Paulo, onde o poeta se revela extraordinariamente original.

Tenho pena de crer no manso doutrinario,
O bello Nazareno, o filho de Bethlem,
Quando nos prometteo do cimo do Calvario
Depois da morte o céu, a eterna vida, além.

Talvez que mesmo alli repillas desdenhosa
O affecto que te dei, que desprezaste um dia,
E ha de encher-me de susto a noite pavorosa.
D'aquella solidão monotona e sombria.

Prefiro acreditar que a podridão de Imperia
Possa mudar-se em flor e sonhar que a materia
De cinza se transmude em fluidos e metaes.

Porque talvez então, oh, que ventura enorme!
Quando em breve eu morrer, meu corpo se
transforme
No linho que velar-te as formas virginaes!

Não, meu Dias da Rocha, não foi o teu
corpo, mas a tu'alma que se transformou n'uma
flor, cujo perfume embalsama o seio da littera-
tura brasileira.

O segundo acontecimento triste foi a morte
de Luiz Rosa — um bello talento — de quem
Jorge Moréal hoje aqui se occupa.

REPORTER

OS QUE PASSAM

LUIZ ROSA

Conheci-o. Pallido, magro, de olhar velado, muito meigo, quasi infantil. Por essa época Luiz Rosa redigia a *Cidade do Rio*, onde, uma vez por outra, publicava versos. A primeira impressão que se recebia d'esse rapaz, era de sympathia, a mais profunda. Sempre esquivo, com nostalgias na phrase velada, só mais tarde, algum tempo depois, quando com elle se entrava em intimidades, então, aquella doçura sympathica de Nazareno, ia de leve se expandindo n'um bem-estar de amigo, n'uma cristalina intimidade de sonho.

Luiz Rosa possuia um'alma de santo. Atravez a sua vida curta e laboriosa nunca teve o arrojo de uma perfidia. Ao contrario, ao vel-o passar por nós, ou, quando palestrava conosco, do seu espirito irradiava a luz mansa dos luars, da sua alma reverberava a saudade de um paiz longinquo, de uma região estranha, de ondas e de nevoes.

Se, como poeta, o Luiz Rosa ou o Sityio Freire, não foi um artista da palavra escripta, nem por isso dexou de ser um lido, um apreciado, um digno. Compunha com facilidade, com elegancia. Da sua obra, porém, o que mais impressiona e encanta é a diaphaneidade do sentimento, o lyrismo expontaneo do seu temperamento doentio, de viajante desolado, de sofredor.

A morte veio surprehendel-o muito cedo. O poeta dos *Lotus*, victima da tuberculose, dispunha de elementos para ser um vencedor, um glorioso talvez.

JORGE MOREAL.

ANTONIO DE PINHO CARVALHO

Eis o nome de um bom artista e de um homem deveras estimavel, que acaba de desaparecer do nosso convivio.

Antonio de Pinho era um retratista de grande merecimento na sua especialidade — a lithographia. Trabalhou muito e quasi todos os nossos homens notaveis do segundo imperio foram por elle retratados, com aquella limpidez e finura de traço, com aquella probidade artistica que salientavam os seus desenhos. Não tinha audacia na sua maneira de fazer, mas o que executava era correcto.



Pela madrugada do dia 9 as forças revoltosas, sob o commando do Chefe Saldanha da Gama, desembarcaram na ponta d'Arção com o fim de atacar a cidade de Nitheroy.

As tropas legais desalojadas pelo vigor do ataque, conseguiram rechassar os revoltosos até as

suas posições no começo da acção, depois de receber grandes reforços, embarcações.

De parte a parte deram-se actos de verdadeira bravura, dignos dos maiores louvores, se, infelizmente, não se tratasse de uma lucta fratricida.

Homem pacífico, bondoso e affavel, era chefe exemplar de numerosa familia para cuja manutenção só contava com o seu lapis, tendo tido a felicidade de morrer sem deixar sequer um desaffecto.

D

FARDELICES

Coitado de quem mora em lugar dependente de transitio em bondes da Companhia Villa Isabel!

Não julguem que faço esta compassiva exclamação porque essa Companhia serve mal os passageiros das suas linhas. Isso é um mal chronico a que elles já estão habituados, e de cuja cura perderam a esperanza, pelo menos em quanto essa Companhia pertencer ao Banco da Republica, potentado com quem o poder municipal, seu devedor, não pôde jogar cristas.

O que me faz agora compadecer desses malaventurados passageiros é o acrescimo de desgraça com que os afflige a Estrada de ferro Central, fazendo com que as immedições da estação de S. Diogo fiquem atulhadas de caminhões carregados de mercadorias por muitas horas diariamente, obstruindo a linha dos bondes de Villa Isabel.

Empregado publico que não queira ficar *desapontado*, deve embarcar de vespera no seu respectivo bonde para poder chegar á repartição á hora regimental.

E bom é que traga seu farnelsinho para ir tragando durante a viagem, se não quizer jejuar.

Uma folha da manhã, estranhando o preço excessivo que os donos das carroças exigem por fretes para a Estrada Central, reclama, de quem competir, medidas no sentido de restringir esse preço a uma tabella regular.

Bem se vê que a collega reclamante ignora o tempo que perdem e as torturas que padecem os carroceiros em fazer taes fretes.

Carroças tem havido que vão para alli ás 3 ou 4 horas da madrugada, e só conseguem ser recebidas a descarga ás 4 e 5 horas da tarde, soffrendo o carroceiro e os burros, para não perderem o direito da sua vez, um jejum absoluto sob a torração de um sol abrazador!

Pobres carroceiros e pobres burros!

Como aos passageiros dos bondes de Villa Isabel, eu vos lastimo!

O que eu não posso lastimar, é o Snr. Moraes, que, como delegado da policia de Nithe-roy, fez a eleição municipal da cidade vizinha de forma tal, que o respectivo Tribunal da Relação, annullando-a, teve de o mandar responsabilizar pela moralidade com que n'ella procedeu.

Ora, eu que me compadeço de todos os que soffrem, não posso compadecer-me de um cidadão que, chamando-se Moraes, e devendo, por isso, só praticar actos que lhe não desdigam do nome, é responsabilizado por ter impingido á soberania popular uma representação diversa da que ella quer.

Imagine-se que o cidadão de que se trata encommenda ao seu alfaiate umas calças

pretas de fazenda de lei, proprias para as occasiões solemnes, e o alfaiate, em vez disso, lhe impinge umas calças... pardas!

O que faria o delgado Moraes em caso tal? Responsabilisaria o alfaiate pela brincadeira e retirar-lhe-ia a sua freguezia.

Nada mais rasoavel e mais justo.

Eu cá penso assim, e a Relação do visinho Estado tambem.

E já que estou fardelando sobre coisas de lá da outra banda do Rio, não mudo de rumo sem fazer uma barretada ao Sr. Barretto, capitão-tenente Orosimbo Moniz, pela restauração do cabo submarino, pelo qual se pôde fardelar d'aqui da Capital Fardelona para a Praia Grande.

Com essa restauração muito lucraram as duas populações vizinhas, que, duvidosas da pontualidade do correio, para se communicarem, careciam de andar de cá para lá, ou de lá para cá, em risco de ficarem no meio do caminho, assados ou afogados, pelos velhos cahambeques em que a Companhia Cantareira lhes proporeiona transporte com augmento de 50 % no preço das passagens.

O meu conterraneo Sancho Pansa, que é homem de incomparavel bom senso, ao ouvir-me fardelar contra esse augmento, observou-me que á Companhia Cantareira sobeja razão para o fazer, visto como, propondo-se a transportar os passageiros para a outra banda, podia dar-se o caso de se alongar a viagem para... o outro mundo.

A' vista de tal razão...

Só me resta soltar uma exclamação de intimo regosijo por saber que aos prejudicados da catastrophe da Mortona, foi no domingo proximo passado o Sr. Francisco Ramos Paz levar socorros pecuniarios provenientes de uma subscrição do commercio.

E' consolador para o espirito dos que, como o meu magnanimo compadre D. Quixote, só anhelam o bem da humanidade, saber que aos corações attribulados das victimas d'aquella horrivel explosão de objectos de guerra, levou Paz o conforto desse bemfazejo soccorro.

MESTRE NICOLAU.

Pensamentos e Reflexões

A Politica

A politica é a arte de qualquer chegar a braza para a sua sardinha, ou levar a agua ao seu moinho.

Pugnar pelo interesse publico, é o meio; conseguir o interesse proprio, é o fim.

A nação é um rebanho de carneiros, que vive constantemente a criar lá para a politica periodicamente tosquear.

Todas as dividas contrahidas pela politica são sempre pagas pela nação.

Por isso os melhores patriotas são sempre os peiores politicos.

MESTRE NICOLAU.

AMENO E UTIL

Nada ha tão interessante
Como o que lê-se em jornaes
Sobre o que occorre importante
De factos policiaes!

Vejam só que papa fina!
Que leitura de primor!
Que diverte, encanta, ensina
A todo e qualquer leitor.

— «Foi preso Fuão Machado
E recolhido ao xadrez,
Que hontem á noite em estado
Se encontrou de embriaguez.»

— «Tendo brigado, ciumentas!
Francisca e Rosa de tal,
Como esmurraram-se as ventas
Lá foram para o hospital.»

— «Por andar triste, injocundo
Pela rua a passeiar,
A policia um vagabundo
Hontem fez trancafiar.»

— «Fez um discurso indecente
Fulana da Conceição,
E a policia incontinenti
Mandou-a p'ra a correcção.»

Por precaução necessaria
Que a bem do povo julgou,
O Fiscal da Candelaria
A um quitandeiro multou.»

— «Foi preso Joaquim Navarro,
Cocheiro, que esta manham
Contra a mão guiava o carro
Na rua de Aquidabam.»

Que espaço bem empregado
O que a taes notas se dá!
P'ra jornal conceituado
Melhor materia não ha.

P'ra apreciar tal leitura
Que muito o pode illustrar,
Que assignante a assignatura
Não quererá de reformar?

SANCHO PANÇA.

EXCAVAÇÕES

A Inglaterra pretende comparar á China, para o museu de Londres um exemplar da maior obra que existe.

Em fins do seculo XVII o imperador da China nomeou uma commissão para colligir e imprimir todas as obras interessantes escriptas pelos naturaes do paiz em todos os ramos de litteratura. Essa commissão, reformando seus membros, concluiu os trabalhos do principio do seculo actual e apresentou uma compilação em seis mil volumes tendo o titulo «Kin-ting Koo-king teo-shoo-ching» (collecção da imperial litteratura antiga e moderna).

D'esta obra fez-se uma pequena edição e em pouco tempo desapareceram quasi todos

os typos de cobre que serviram para a impressão, por isso é hoje raríssima a edição completa.

Já que falamos da China, vamos citar um facto noticiado pelo *North China Herald*, analogo do celebre julgamento de Salomão.

Durante a insurreição dos Taepings, um chinez casado, morador em Nankim, foi chamado ás armas e não mais voltou, terminando a guerra. A mulher, não tendo noticias d'elle, julgou-se viuva, e aceitando a proposta de um outro, que a requestava, casaram legalmente perante as autoridades.

Viviam assim, quando appareceu o primeiro marido e reclama o seu direito. O 2º não quiz annuir e mostrou os documentos que legitimavam a sua união.

Levada a causa ao juiz, este achou-se embaraçado sem saber a qual dos dois daria razão. Depois de pensar, disse aos litigantes que lhe confiassem a mulher por uns 15 dias e voltassem então a ouvir a sentença.

Mas no 6º dia o juiz mandou-os chamar e disse-lhes que a mulher havia morrido e a elles competia fazer enterro. O 1º marido declarou que nada tinha que ver com uma mulher morta e o deixou em paz. O 2º porém disse que apesar de pobre faria o enterro, pois ella havia sido boa para elle.

Bem, disse o juiz abrindo uma cortina, aqui está sua mulher viva. Leve-a si ella quizer. A mulher, vendo que o 1º marido não tinha por ella grande affecto, aceitou a sentença.

Archeologo.

Theatros

Sinto-me grandemente contristado de ter semanalmente de dizer o que se vae passando pelos nossos theatros, não vendo n'elles cousa alguma sobre a qual valha a pena fixar a attenção, fazendo trabalhar o espirito no exercicio analytico das theses discutidas, dos principios enunciados, de todo esse esforço intellectual que promove a evolução, melhorando os costumes e esclarecendo as ideias.

Não me conformo, não posso positivamente conformar-me com esse abastardamento do theatro, com esse aviltamento da arte, com esse acanalhamento do gosto!

Filho da litteratura e da arte e por influxo d'ellas elevando-se progressivamente á cathedra de templo para edificação do espirito, como poude entre nós o theatro franquear as suas naveas augustas á invasão vandálica dos sacrilegos estriões que, escorraçados da praça publica pela moralisação dos costumes, foram sobre as taboas sagradas onde pontificava a sciencia, tripudiar suas torpezas em esgares indecentes e momices impudicas?

Que ideia poderá fazer de nós—que blasonamos de povo civilisado — o estrangeiro que nos visita, ao presenciar essa orgia carnavalesca que lhe exhibimos com o pomposo nome de theatro?

Não haverá meio de sanar esse mal que tanto nos desconceitúa?

No meu precedente artigo appellei para os esforços unidos dos que escrevem para o theatro e dos que escrevem para a imprensa.

Obedecendo a um pensamento regenerador, e unificando a acção de todos, quer na confecção de peças, quer na critica dos espectaculos, seria possível a constituição de uma parede que obrigasse os exploradores do theatro a enveredar por melhor caminho.

Todos, afinal, lucrariam com isso:

Os autores, que, sem prejuizo dos seus proventos pecuniarios, empregariam a sua actividade mental em obras que melhor recomendariam os seus nomes;

Os empresarios, que se emancipariam das exigencias despoticas d'essas notabilidades plasticas, que, sem nenhum amor á arte, porque a não cultivam, pouco se importam de a sacrificarem á voracidade dos seus insaciaveis caprichos; e dispensando-os tambem das luxuosas encenações, que os obrigam a enormes sacrificios pecuniarios com resultado muitas vezes hypothetico;

Os actores que são realmente artistas, que se veriam levantados ao nivel de uma profissão considerada e digna;

A imprensa, que se poderia desvanecer de bem cumprir a sua missão civilisadora, sem sacrificio do seu interesse industrial;

O publico, finalmente, que ficaria livre d'essa influencia nefasta que o descrista e lhe perverte o gosto.

Passando agora á ligeira resenha os espectaculos da semana, é com prazer que em primeiro lugar me referirei ao theatro *Recreio Dramatico* onde, como louvavel variante ao que nos outros se dá, se está representando *O Palhaço*, um drama de scenas bem dispostas e impressionantes, no qual Ferreira, actor de provado merito, tem o seu melhor papel.

A despeito da desorientação em que o poseram, o publico tem affluído ao *Recreio* e não tem regateado applausos aos interpretes d'*O Palhaço*.

No *Sant'Anna* continúa a cantar se o *Duo da Africana*, em que a graciosa Ismenia Matheus sobresahe pela frescura da sua bella e afinada voz e pela vivacidade que imprime ao seu interessante papel.

Precedendo o *Duo da Africana*, representa-se actualmente n'esse theatro a bella e conhecida burleta de costumes da roça, original do espirituoso escriptor França Junior, de saudosa memoria, com bella musica do nosso sempre apreciado maestro H. de Mesquita.

D'entre os artistas que n'ella tomam parte, distinguirei o Flavio e a Olympia Amoedo pela feição typica que sabem dar aos seus papeis.

No *Variiedades*, succedeu ao *Orpheu nos Infernos* a *Mimi Bilontra*, em travesti.

E' possível que haja quem goste d'esse genero de representação ás avessas; eu simplesmente destesto-o.

No *Lucinda*, a manta de retalhos luso-brazileira, flada por Souza Bastos a autores e compositores de cá e de lá, e que lá e cá se tem representado com o titulo campanonico de *Tim-tim por tim-tim*, depois de exgotada, em reprise, pela cantora Eliona Miola, está agora sendo explorada pelo merecimento plastico da atriz Leonor Rivero.

O Zé Povinho, que se baba por essas bambaxatas e pachuchadas carnavalescas e afandagadas, em que o Brandão é colossal e a Leonor Rivero fascinadora, accode alli como mosca a mel de tanque!

Aproveita, Juca! da-lhes sempre d'isso e chaucha-lhes o cobre!

SANSÃO CARRASCO

A nossa meza

Recebemos:

— *A deshonra da Republica*, pelo General reformado Honorato Caldas. Um volume contendo artigos publicados e memorias ineditas do carcere sobre a revolta da Esquadra e o Governo do Marechal Floriano Peixoto. — Passamol-o á mão do nosso bibliographo.

— *Revista Industrial de Minas Geraes*, Anno 1 n.º 12. Importante publicação mensal de Ouro Preto, em fasciculos de 40 paginas, tratando de assumptos do maior interesse para o desenvolvimento material do paiz, com a valiosa collaboração de notaveis e competentes escriptores nacionaes e estrangeiros.

— *Almanak* para 1895, do pharmaceutico E. M. de Holanda.

— *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*, feito em 30 de Agosto de 1892 por ordem do presidente do mesmo Estado Dr. José Thomaz da Porciuncula, acompanhado de uma carta da divisão geographica e administrativa, por J. P. Favilla Nunes.

E' uma obra cuja importancia por si mesmo se encarece.

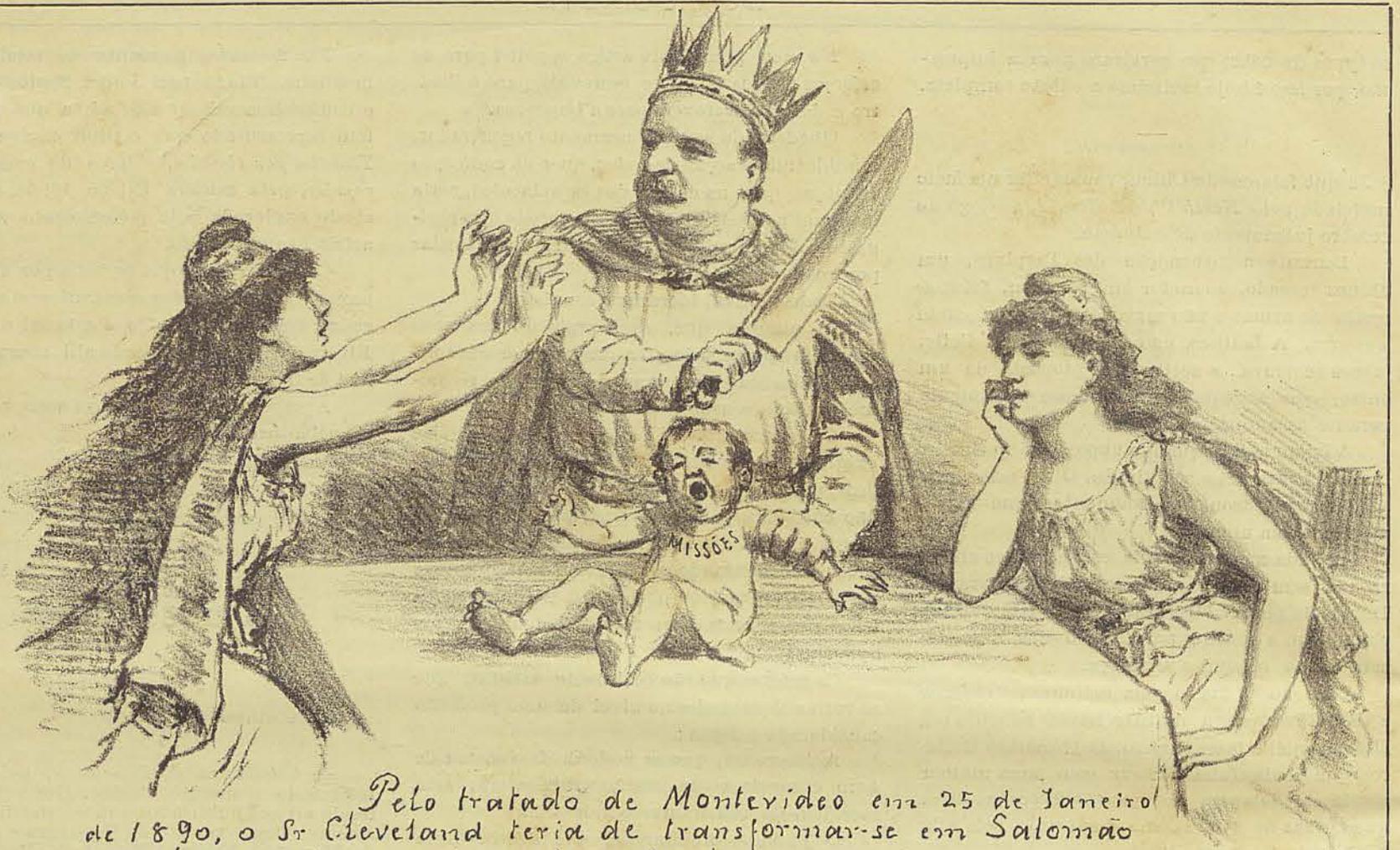
— Em elegante cartão fantaz'a um convite da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez para o grande baile de posse da nova Directoria e Conselho, em 9 do corrente mez. Far-nos-emos representar.

— *Cordão Sanitario*, polka anticolerica microbida, remedio seguro contra as caimbras symptomaticas, formula de J. G. Christo; — *Au Printemps* — de D. de Carvalho. — Duas bellas composições musicas elegantemente editadas pelo acreditado estabelecimento de pianos e musicas dos Srs. J. Bevilacqua & C.ª

— Pelos Srs. Vieira & C., proprietarios da grande fabrica de luvas de pellica e suedé, (systema Jouvin) á rua de Gonçalves Dias, fomos mimoseados com meia duzia de bellos leques. Não podia presente algum vir mais a proposito em meio d'esta temperatura abruçada que nos suffoca.

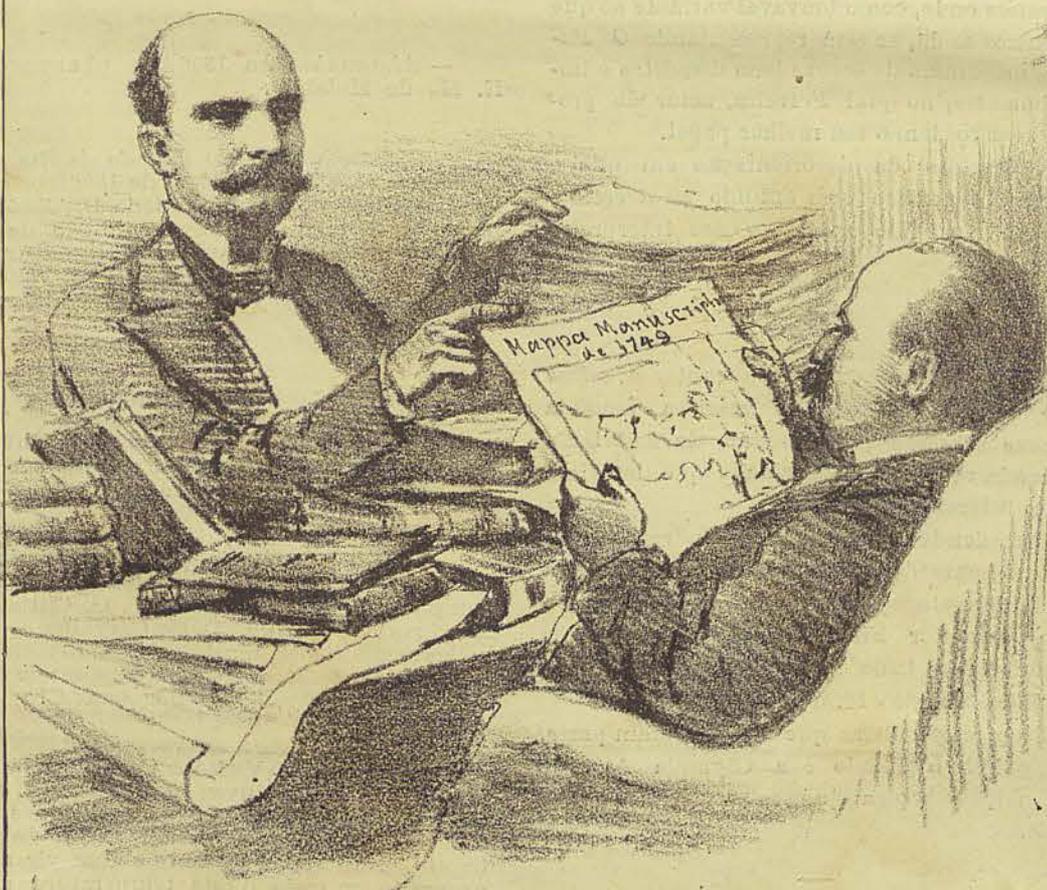
A todos agradecemos.

D. MEZARIO.



Pelo tratado de Montevideo em 25 de Janeiro de 1890, o Sr. Cleveland teria de transformar-se em Salomão dando metade a cada parte contendora.

A Nação brasileira, porém, oppoz-se a isso indignada, como boa mãe que era.



O Illustre Barão do Rio-Branco por meio de pesquisas e estudo profundo da questão, conseguiu apresentar taes provas que constituiriam verdadeira certidão

de baptismo, provando assim que o Brazil é o verdadeiro pae da criança.